

## LELÉZINHO VAI À ESCOLA – CONCEPÇÕES DA DIFERENÇA E DA INCLUSÃO

**Marcia Cristina R. R. RESENDE<sup>1</sup>; Maria Simone.EUCLIDES <sup>2</sup>; Hugo.B. JUNIOR, <sup>3</sup>;  
Valdirene P. COSTA.<sup>4</sup>; Cristiane F.GRIS<sup>5</sup>**

### RESUMO

A integração de todos os indivíduos em escala de participação e envolvimento social pode ser encarada como um dos grandes desafios a serem enfrentados no séc. XXI. A escola enquanto espaço de formação é também o lugar ideal para transformação das desigualdades em equidade. Dessa forma, cada vez mais é esperado que a função social da escola ultrapasse os limites da sala de aula, possibilitando alunos e professores a conviver com as diferenças de modo a reconhecer os indivíduos enquanto pessoas de direito. É tendo por base esses desafios que este artigo é parte do projeto de extensão intitulado por “Lelèzinho vai à escola” cujo objetivo foi equalizar as informações de estudantes e professores quanto ao desafio da inclusão e da igualdade no espaço escolar despertando nas crianças e educadores (as) o senso crítico de respeito, alteridade e reconhecimento com a finalidade de buscar novos valores e transformação social. O recurso metodológico consistiu em contação da história de Lelèzinho, que tem como enredo a vida de um pintinho deficiente que ao longo de sua trajetória foi superando suas limitações e o preconceito, a narrativa demonstra a dificuldade que ocorre na realidade de pessoas com algum tipo de deficiência, visando que o espaço escolar contribua na formação do senso crítico de respeito às diferenças sociais. Até o presente momento foi constatado que os alunos demonstraram que ao menos em alguma fase escolar já sofreram algum tipo de discriminação seja pela formação intelectual, física ou racial.

---

<sup>1</sup> Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG, email: [marcia.crisrreis@gmail.com](mailto:marcia.crisrreis@gmail.com);

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG, email: [maria.euclides@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:maria.euclides@muz.ifsuldeminas.edu.br);

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG email: [hugo.baldan@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:hugo.baldan@muz.ifsuldeminas.edu.br).

<sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG email: [valdirene.costa@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:valdirene.costa@muz.ifsuldeminas.edu.br).

<sup>5</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG email: [cristiane.gris@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:cristiane.gris@muz.ifsuldeminas.edu.br).

Foram realizadas atividades em que os alunos demonstraram bastante interesse, tendo como objetivo demonstrar que cada pessoa tem características próprias e estas merecem ser respeitadas. Como resultado, observou-se que 100% dos alunos dizem respeitar as diferenças dos colegas; 33,3% se sentem excluídos em sua escola e 85,7 % procuram ser amigos quando chega algum coleguinha novo em sua sala. A maioria dos alunos relatou sofrer discriminação dos colegas referente a sua aparência física principalmente no quesito preconceito racial. Diante dos dados obtidos, ressalta-se a necessidade de um trabalho efetivo junto aos educandos no que tange à realização de atividades que visem o respeito mútuo e a aceitação das diferenças.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação, conforme está descrito na Constituição Federal de 1988, é um direito e dever de todos, e, independente de situação econômica, credo ou qualquer diferença, enquanto direito não pode ser negado. Constitui-se também na possibilidade de formação de indivíduos para a vida em sociedade. Pensando na educação especial, atualmente há garantia em lei do acesso e permanência de crianças com necessidades especiais no espaço escolar. Como bem destacado por Mantoan e Pietro (2006), há apoio legal suficiente para mudar, a questão, porém vai muito além da simples adoção das leis, pois envolve saberes e o cotidiano escolar, dentre os quais se encontram a resistência e limitações para lidar com o diferente.

*Se o investimento na qualidade de ensino não se tornar uma ação constante, a evolução das matrículas desse alunado na classe comum pode resultar em recrudescimento da rejeição- já existente nas escolas- e em maior dificuldade de estudarem junto com os outros alunos. Nesse caso, eles podem ter acesso à escola, ou nela permanecer, apenas para atender a uma exigência legal, sem que isso signifique reconhecimento de sua igualdade de direitos (PIETRO, 2006, pág. 36).*

No mesmo sentido, pesquisas já realizadas por Juarez Dayrell (2004) sobre o espaço da formação escolar apontaram que a Educação possui um papel relevante na formação de sujeitos críticos e autônomos. Sendo assim, é um espaço de

importante transformação dos alunos enquanto sujeitos de ação independente da origem, situação econômica ou suas deficiências.

Exclusivamente no que tange à educação inclusiva, pesquisas revelam que grande parte dos educadores possuem dificuldade em trabalhar com a temática da inclusão e da cidadania em sala de aula. Há quem julgue a falta de materiais e recursos para receber os alunos em sala outros já apontam a própria fragilidade do ensino para necessidades especiais. Assim, ao longo da história da educação no país o tema da educação inclusiva foi fortemente marcado pela ideia de assistencialismo, somente a partir dos anos 90 é que essa perspectiva começa a ganhar novo olhar pensando especificamente a ideia do diferente, mas com seus direitos. Dessa forma, os estudos relacionados com a inclusão caminham timidamente, priorizando, não a dificuldade em si apresentada, mas as inúmeras possibilidades com que os estudantes podem interagir a partir do que lhe é proposto.

De forma a ampliar as perspectivas educacionais, faz-se necessária uma melhor formação e preparo dos profissionais de modo que lhes possibilite ferramentas para que atuem com criatividade e ousadia, possibilitando a inserção dos estudantes com necessidades especiais junto às demais esferas. Constata-se, pois, que, ainda são raros os estudos na área que apontem alternativas para a integração desses alunos com dentro do contexto escolar.

De modo a fomentar discussões e problematizações sobre a inclusão dentro do espaço escolar, esse artigo é parte de um projeto de extensão desenvolvido durante o ano de 2013 à 2014, nas escolas municipais que compõe a AMOG- Associação dos Municípios da Região Baixa Mogiana. A proposta do projeto de pesquisa era problematizar a história de um pintinho que apresentava necessidades especiais metaforicamente associado aos acontecimentos na vida humana; de modo que os alunos criem novos conceitos sobre igualdade na sala de aula. Ao narrar a história de um pintinho deficiente que ao longo de sua trajetória foi superando suas limitações, a narrativa pretendeu ampliar tais situações ao que usualmente ocorre na realidade com as pessoas que são marcadas por algum tipo de deficiência, sendo de grande relevância no espaço de formação educacional, não somente no que diz respeito à prática da leitura como também para o exercício da cidadania.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O projeto desenvolveu-se em duas etapas, a saber: na primeira etapa do projeto o levantamento foi realizado mediante a aplicação de questionários junto a estudantes do Ensino Fundamental das escolas municipais das seguintes cidades: Areado, Bom Jesus da Penha, Botelhos, Cabo Verde, Conceição da Aparecida, Guaranésia, Guaxupé, Jacuí, Juruáia, Monte Belo, Nova Resende e São Pedro da União.

O trabalho foi direcionado para as séries finais do ensino fundamental, por considerarmos que a idade dos alunos seja ideal para a apresentação do conteúdo da obra e sua absorção satisfatória por parte deles. A segunda etapa consistiu na realização de oficinas problematizadoras mediante a contação de história do Lelézinho e discussão de vídeos que tinham com tema a inclusão e a diversidade.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados coletados até o presente momento apontam a necessidade de continuar as discussões junto aos profissionais da área da Educação, tendo-se observado a carência de material concreto para lidar com as tais questões em sala de aula. Foram realizadas visitas nas cidades de Muzambinho, Arceburgo e Alterosa visando a contação de histórias de modo a fomentar o diálogo sobre a diversidade e o respeito. As visitas eram realizadas semanalmente junto a alunos da 5º ano do ensino fundamental. Os alunos demonstraram ter conhecimento da existência das diferenças entre eles e para a grande maioria os principais problemas que enfrentam com relação à diversidade dizem respeito às diferenças físicas principalmente quando se fala no quesito étnico racial (87%). A segunda questão colocada pelos alunos tem a ver com as brincadeiras de mau gosto dentro e fora do espaço escolar ocasionada pela diversidade entre os mesmos. Tais brincadeiras são bem identificadas através de apelidos que os mesmos atribuem entre si de teor pejorativo tão popularmente conhecido como bulliying na sala de aula.

Embora não possuam o conhecimento aprofundado sobre tais questões, para a maioria dos alunos investigados no que tange ao respeito às diferenças, todos disseram que lidam bem com os amigos e procuram respeitar a todos demonstrando forte indício de solidariedade com os demais colegas. Na visão dos educadores, há

carência de material concreto para trabalharem com as questões colocadas pelos alunos. Como destacados por autores como Cavallero (2012) que identificou as práticas de racismo na Educação Infantil, tais questões deveriam ser discutidas e trabalhadas desde a infância, pois é nessa etapa que as crianças começam a construir suas principais referências de si mesmas em relação ao outro. É, portanto, o momento da formação da identidade que irá repercutir no decorrer dos anos posteriores. Uma vez que tenha uma identidade negada por seus estereótipos seja lá quais forem, isso pode repercutir em uma imagem negativa de si mesma. Por isso, o diálogo entre educadores e educandos é de fundamental importância para que as desigualdades e os problemas de convivência dêem lugar à harmonia e ao respeito.

Quanto à questão das necessidades especiais, ao ouvirem a história do pintinho Lelezinho, os alunos imediatamente conseguiam fazer analogia com situações do cotidiano, de colegas que também apresentavam alguma necessidade especial e assim pensavam em novas maneiras de lidar com as diferenças de modo a desmistificar as dificuldades sofridas por eles. Apesar das limitações em se discutir o tema das necessidades especiais, nos últimos anos, ações isoladas de educadores e de pais têm promovido e implementado a inclusão, nas escolas, de pessoas com algum tipo de deficiência ou necessidade especial, visando resgatar o respeito humano e a dignidade, no sentido de possibilitar o pleno desenvolvimento e o acesso a todos os recursos da sociedade por parte desse segmento(MACIEL,2000). Essas ações têm sido pautadas no desafio do diálogo e respeito com o outro, mas muito ainda precisa ser repensando, principalmente na capacitação de professores para receber esses alunos.

## **CONCLUSÃO**

Como dito no início do artigo, o projeto ainda se encontra em andamento e carece de continuação haja vista as lacunas apresentadas pelos alunos no que tange a informações sobre as diferenças. Pois somente através da conscientização da sociedade e de famílias que tem ao saber, e que tem a oportunidade de fazer uma educação crítica eu tais questões serão vistas e tratadas de outra forma.Discussões e espaços de aprendizados como esses, são de fundamental importância na formação de um espaço educativo mais acolhedor e tolerante. A falta

de conhecimento e conscientização da sociedade faz com que as deficiências seja uma doença de peso ou um problema, e é necessário ainda muito esforço para que esse estigma seja superado. Por esse motivo, tem-se a proposta de continuar o trabalho tomando como objeto de investigação não somente alunos como também a capacitação de docentes e gestores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) acessado em 14 de set 2014

CAVALLERO, Eliane. Do silêncio do lar, ao silêncio escolar. Rio de Janeiro: Contexto, 2006

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo Perspec.* [online]. 2000, vol.14, n.2, pp. 51-56. ISSN 0102-8839.

MANTOAN, M.T.E.; PIETRO, R.G.. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 15 jan. 2014.